

Bombas que caíam do céu!...

O 1.º TENENTE UCHATIUS (*) REALIZA UM ATAQUE
AE'REO, O PRIMEIRO DO MUNDO

Por BERNHARD ZEBROWSKI

Traduzido pelo Gen. KLINGER, da revista ilustrada "DIE WEHRMACHT" (A Força Armada), editada pelo supremo comando militar alemão, ano IV, n.º 7, BERLIN, 27-III-1940.

Os ares conturbados do ano de 1848 espalharam agitações por toda a EUROPA. Assim como PARIS assistiu, entre combates de barricadas, a proclamação da república e BERLIN viu o príncipe Guilherme forçado à fuga pelo seu real irmão, também VIENNA não foi poupada pelo temporal revolucionário, foi teatro de combates de barricadas e de choques armados entre os diversos partidos políticos. METTERNICH tombou, a cidade caiu nas mãos da guarda civil e dos estudantes, até que foi retomada pelo príncipe WINDISCHGRAETZ, à testa de tropas imperiais. Foi fuzilado Roberto BLUM (**), o eleito de VIENNA para o parlamento de FRANFFURT. O príncipe SCHWARZENBERG assumiu a chefia do Ministério.

Tais acontecimentos na AUSTRIA não passariam sem repercussão sobre a ITALIA, que lutava pela unificação estatal e nacional e pela sua independência. Assim, o ano de 1848 trou-

(*) N. do T. — E' o conhecido inventor do bronze — UCHATIUS, que no seu tempo era a última palavra em material para os tubos de artilharia. A superioridade consistia na proporção dos componentes da liga, no resfriamento da fusão em moldes de ferro, para melhor prender o estanho na massa do cobre, e, por fim, numa "compressão inicial", aplicada pela alma do tubo, por meio de estampas ou mandrís de calibre crescente.

(**) N. do T. — Antepassado do Sr. Léon BLUM.

xe o levante de 18 de março em MILÃO, sinal para a insurrei-
ção geral da Alta ITALIA contra a dominação austríaca. O rei
Carlos ALBERTO, da SARDENHA, paladino precursor da in-
dependência italiana, tomou armas contra o marechal austriaco
RADETZKI, a 25 de julho, em CUSTOZZA; a sorte das armas
não lhe foi favorável, o exército libertador italiano foi batido e
destruído. As cidades que os austríacos haviam evacuado no
comêço da insurreição fôram retomadas, notadamente MILÃO.
Exgotado o armistício de 20 de março de 1849, RADETZKI im-
pôz a paz, com as suas vitórias de MORTARA e NOVARA. Só
uma cidade ainda resistiu durante meses: VENEZA.

Evacuada pela guarnição austriaca em março de 1848, fôra
instituído na cidade das lagunas, primeiramente em nome do rei
da SARDENHA, um governo provisório; e depois dos revezes
de CUSTOZZA, MORTARA e NOVARA foi proclamada a repú-
blica autônoma. Sem tardar, VENEZA teve que arrostar a luta
contra a AUSTRIA. O resultado não podia ser duvidoso. De-
pois de longo assédio, realizou-se em agosto de 1849 a tomada
da cidade pelos austríacos. Todo o território lombardo-venezia-
no mais uma vez caiu sob o jugo dos HABSBURGO, os quais não
compreendiam os sinais do tempo e permaneciam surdos aos cla-
mores duma nação jovem que ansiava pela independência.

* * *

Em VIENNA, subvertida e assustada pelos embates revolu-
cionários, era de notar uma figura singular: um homem em
traje civil, que parecia alheio à inquietação geral, calmamente
passeava por entre a multidão, a despeito dos riscos inerentes
aos combates das ruas, e palestrava ora com uns ora com outros,
partidários de todos os partidos. Com certeza havia um mira-
culoso encanto a envolver êsse homem, graças ao seu sentimento
de segurança e à sua decisão, pois de outro modo não teria sido
possível que se movesse sem ser incomodado, pelas ruas que os
guardas nacionais mobilizados dominavam, sendo êle o 1.º te-
nente da ativa do exército austriaco Francisco UCHATIUS, de
toda gente conhecido, diretor da fábrica de munições.

Era homem de quem em toda parte eram conhecidas as qualidades práticas. Desenvolvera verdadeira revolução técnica no fabrico das munições, graças a inúmeros inventos seus, que adotára e que pela eficiência demonstrada fizeram calar quaisquer objeções. Modificou não só as ferramentas e a seriação das operações industriais, mas aperfeiçoou até as ligas de metais, tanto que se tornou universalmente afamado pelo seu bronze-aço. Mas em VIENNA eram conhecidas ainda outras invenções de UCHATIUS; eram extremamente práticas, toda gente percebia seu valor e utilidade. Fôra êle o construtor do primeiro lampeão de petróleo do mundo, bem como dum aparelho que permitia projetar figuras numa parede e movê-las como se tivessem vida. Era muito simples êsse aparelho, de madeira e papelão. Ruborizado com a sua própria modéstia, o inventor o vendeu por cem corôas a um conhecido bolsista, que o exploraria. Hoje se sabe que com essa máquina primitiva UCHATIUS foi um dos mais importantes precursores da cinematografia do século vinte.

* * *

Quando em 1849 teve começo o assédio a VENEZA e se verificou que a cidade das ilhas e lagunas seria para os austriacos uma nóz dura de quebrar, voltou à lembrança uma invenção do 1.º tenente UCHATIUS, e foi então resolvido que se lhe daria ensejo de aplicá-la. E foi assim que nasceu, pela primeira vez na história militar, o plano de atacar o inimigo pelo ar.

No pequeno laboratório em que UCHATIUS passava seu tempo livre, com experiências físicas e químicas, foi surpreendê-lo na primavera de 1849 a notícia de que êle e seu irmão, 1.º tenente José UCHATIUS, haviam sido designados para servir na marinha austriaca, na guerra contra a ITALIA. E era-lhes dada a missão de bater VENEZA por meio de bombas ou granadas atiradas de balões.

Sem perda de tempo os dois irmãos puzeram ardorosamente mão aos preparativos. Primeiramente fôram construídos cem balões, de bastante volume e capacidade de carga, sob a direção do 1.º tenente PARTSCH, segundo precisas indicações de

UCHATIUS. Os balões deviam ser dotados de pequenos fogões, munidos de acido carbônico e transportar bombas semelhantes a "shrapnells", tubos de folha cheios de 500 a 600 balins de chumbo, "que podiam ser disparados de qualquer desejada altura, mediante mécha combustivel graduada em tempo antes do lançamento". Era êsse o invento de UCHATIUS; e agora podiam ser vistos diariamente os dois irmãos no Monte LAA ou na pedreira da Cidade Nova de VIENNA, ocupados em soltar pequenos montgolfiers, para estudarem as correntes aéreas nas diferentes alturas.

Tambem isso naquêlo tempo ainda era terra ignota. Pelas rôtas em zigue-zague que os seus balões percorriam lá no alto, os dois observadores tiravam suas conclusões a respeito do vento reinante nas diferentes camadas atmosféricas. Ao cabo de três semanas estavam assaz adiantadas as experiências e observações, para poderem levar a efeito uma demonstração dos primeiros balões de bombardeio na presença dos generais e do corpo de officiais de artilharia. O balão, confeccionado de papel, levou para o alto uma bomba de 30 libras de peso; pontualmente após trinta minutos funcionou a primeira espoleta de tempo construida por UCHATIUS e a bomba caiu quasi exatamente no ponto desejado. Êsse bom êxito motivou a decisão definitiva: VENEZA tornar-se-ia o teátro do primeiro bombardeio aéreo consignado na história militar.

Partiram os irmãos para a ITALIA, deixando o 1.^o tenente PARTSCH à testa da fabricação de novos balões e novas bombas.

"Cruzámos com uma porção de officiais que regressavam da ITALIA", escreve UCHATIUS a 18 de junho de 1849 das vizinhanças de GRAETZ. "Todos nos gritam um fatal — "é tarde!" — mas isso só me instiga a que me apresse ainda mais". A 21 de junho chega com seus balões a MESTRE. "Tantó o comandante do Corpo de Exército, conde de THUN, como toda a officialidade, me recebem com jubilo; esperavam dos balões a salvação, pois o assédio já durava doze dias, com muitas penas e perdas de vidas humanas, sem resultado apreciavel. O arquiduque LEOPOLDO me recebeu mui amistosamente, todos os dias com êle me entretenho várias horas, em MALGHERA, e já fiz

para ele e para os generais presentes uma demonstração por meio de pequenos balões, acêrca do princípio dos mesmos, pela qual ficaram bem impressionados. Passei tres dias e tres noites ao ar livre em MALGHERA, à espera de que o vento tomasse direção favorável; mas o tempo se mostra tão invariavelmente firme. e o vento sopra tão constantemente do mar para a terra, que não se pôde fazer nada nem esperar nada, antes que algum temporal venha refrescar o ar e talvez determinar mudança de direção do vento”.

Estava quasi parecendo que o vento, essa persistente brisa marinha com quem até então ninguem havia contado, queria riscar, por errados, todos os cálculos do plano de bombardeio aéreo. Realmente, as condições atmosféricas diante de VENEZA eram de todo diferentes das do campo de experiencias da Cidade Nova de VIENNA; mas, prontamente decidido UCHATIUS adaptou-se à mudança de situação: uma vez que não podia de terra soltar seus balões para voarem sôbre a cidade, cumpria lançar o ataque pelo lado do mar.

Não haverá exagero em considerarmos êsse propósito como a primeira tentativa da história militar de promover a cooperação da arma aérea com a marinha de guerra. O olhar seguro do técnico e do soldado logo reconheceu formidaveis possibilidades inerentes ao consórcio dessas duas armas.

A 1.º de julho de 1849 achava-se UCHATIUS a bordo do navio de guerra “VULCANO”, que havia sido posto à sua disposição pelo comando da esquadra como navio-porta-balões, como hoje diríamos. A seu bordo estava tambem o arquiduque LEOPOLDO, que com a sua presença dava testemunho de seu alto interesse pelo novel empreendimento. Ainda no mesmo dia UCHATIUS montou a bordo a sua barraca que devia servir de pára-vento, ao abrigo do qual os balões seriam aprontados para a ascensão.

A manhã seguinte surgiu promissora. Pelo meio dia estava a VULCANO diante de VENEZA, com tempo esplendido. Pelas duas horas levantou-se um vento inteiramente de feição e já UCHATIUS via seus balões a pairar sôbre a cidade e a despejar morte e pavor entre os sitiados. Mas não devia succeder tal.

“Acabavamos de encher o primeiro balão”, escreve UCHATIUS, “quando subito desabou uma tempestade, que despedaçou o balão; só a custo salvou-se a barraca. Regressámos ao ancoradouro”. O dia tres de julho, finalmente, viu voar o primeiro balão de bordo do VULCANO para cima de VENEZA. Tempo bem claro. Vento brando levou o balão dirétamente para cima da cidade. Eis que à última hora o apanha uma corrente aérea que o desvia da desejada róta e o leva para cima dos navios inimigos fundeados em MURANO, sôbre os quais pontualmente se derrama a benção das bombas. Não houve danos materiais. Mas poudese muito bem observar o formidável pânico que se produziu a bordo dos navios venezianos, como tambem no francês “PANAMÁ”, que casualmente estava junto. Ninguém teve idéia de procurar defesa contra o ataque aéreo, fosse por meio de tiros contra os balões, fosse por manobra dos navios. UCHATIUS poudeseriturar como bôm êxito o alcançado nêste tres de julho, e o próprio comandante DAHRELUP foi pródigo de elogios.

Infelizmente a VULCANO não fôra destinada exclusivamente para a emprêsa dos balões: na mesma noite recebeu ordem para levar um coronel de infantaria a BEONDOLO e desembarcá-lo alí. O cumprimento desta ordem causou sério contratempo, que por um triz frustava todo o plano de bombardeio por balão. A respeito do perigoso intermezzo, damos a palavra ao próprio UCHATIUS: “Navegámos bem perto da costa inimiga e passámos a boca do ETSCH em CHIOSA. Estava de quarto e dirigia a viagem um official joven, desconhecedor da róta, e tinha por adjunto um piloto que era veneziano e amigo da bebida. Não posso decidir si foi isto ou si foi aquilo a causa de nossa infelicidade. Justamente dizia-me o official: “Vê o Sr.? lá está uma bateria inimiga e vai já atirar contra nós. E de repente o navio parou! O piloto errara o caminho, havíamos nos aproximado demais da costa e estavamos encalhados. Na prôa mal havia dois pés dagua. Baldados fôram todos os esforços para dar atraz com a máquina. Assustado, acudiu o comandante do navio; impoz a máxima calma e mandou lançar ferro à ré. Pretendia arrancar o navio puxando por essa ancora com a máquina. Tudo em vão! Inutilmente insistiu-se nessa manobra. Navegavamos

com muita força quando se déra o encalhe e a maré estava cheia, ao passo que agora começava a baixar e o navio ficava cada vez mais preso ao fundo barrento. A ancora cedia e a bateria inimiga começava a nos mandar bala. Eram peças de 18 libras; conquanto os primeiros tiros fossem curtos e por isso julgássemos estar fóra de seu alcance, sem tardar perdemos essa ilusão, pois os tiros iam se aproximando e já alguns passavam sobre a coberta. Dentro em pouco uma bala furou a caixa das rodas. Nossa perspectiva era das mais tristes, ou de sermos metidos a pique pela bateria, ou de sermos aprisionados após um ataque pelos navios que o inimigo tinha no ETSCH”.

Parece que o comandante da VULCANO não estava à altura da situação. O certo é que UCHATIUS resolveu intervir. Todo peso inútil foi arrojado à agua, até peças de artilharia e munições, com exceção apenas do canhão PAIXHANS, de 36 libras, que UCHATIUS pretendia pessoalmente manejar. Desembarcámos o coronel de infantaria, com a recomendação de desviar a atenção dos venezianos por meio de fuzilaria e foguetes. O fogo incessante da bateria veneziana atraíra a atenção duma fragata veleira austriaca, a qual então mandou um bote à VULCANO para comunicar que mandara outro em busca de socôrro, pois que ela mesma não podia prestá-lo, imobilizada que estava pela calmaria reinante. Tinha a VULCANO que continuar a arranjar-se sózinha. UCHATIUS cuidou que a barraca dos balões fosse abrigada.

Quando amanheceu e a bateria veneziana descobriu que a VULCANO não estava alí como atacante, mas como vítima de acidente, intensificou o fogo. A VULCANO foi atingida por diversos impactos, inclusive arrazamento dum mastro. Sob a direção de UCHATIUS o fogo era energicamente respondido pelo PAIXHANS e o duelo durou até que os contendores quasi ao mesmo tempo exgotaram as munições.

O efeito dessa aventura foi assaz desanimador sobre UCHATIUS. Ficára impossibilitado de lançar balões sobre VENEZA no dia seguinte, pois a barraca, no açodamento de a desarmarem, fôra danificada, a ponto de ficar inservível, o pano rôto, as hastes da armação despedaçadas. Viu-se obrigado a embarcar num

“miseravel trabacolo”, fragilimo barquinho a véla, para ir a TRIESTE, em busca de nova barraca, pois recebêra noticia de que ali chegara com tal material o tenente PARTSCH.

Mas o dia do bom êxito estava mais próximo do que UCHATIUS imaginava. Já a 15 de julho a VULCANO opera novamente diante de VENEZA, tendo a bordo novas barracas e novos balões trazidos por PARTSCH. O estado atmosférico apresenta-se favorável. Os balões com as bombas voam direito para cima de VENEZA. “Sabes?” escrevia êle a 16, com referencia ao sucesso do dia anterior, “ontem fiz arrebentar sôbre as cabeças dos venezianos os tubos cheios de balins de chumbo; agora o meu projeto está justificado !”

No dia seguinte foi empreendido novo ataque aéreo. Desta vez as bombas não atingiram a cidade, contudo caíram em território inimigo. Êsse segundo ataque reduzira a tal pontô a provisão de acido carbônico que mal teria sido possivel lançar mais tres balões; UCHATIUS desistiu de fazê-lo, preferiu ir a toda pressa a TRIESTE, em busca de novo material. Empenhado em renovar quanto antes os ataques aéreos, teve grande pressa de retornar a VENEZA. Mas ao chegar aí, a VULCANO desaparecêra, sem deixar rastro. Toda a costa da ISTRIA foi batida à cata do navio, pois era de temer que tivesse sido vítima de grande tempestade. Quando ao anoitecer foi preciso descoroçoar da procura e regressar a TRIESTE, “eis que ali estava sã e salva a nossa VULCANO. Pretextara que a caldeira estava vasando e que a tempestade a obrigara a abandonar o posto diante de VENEZA, mesmo sem licença. Béla desculpa, pois eu sei melhor ! Vinha de longe o descontentamento da tripulação do navio, que ansiava por passar uns dias num porto. Os balões eram considerados como impedimento para êsse designio e, mal eu saíra de bordo, aproveitando essa ocasião alegaram avaria e entraram no porto. O’, marinha austriaca, vales quanto custas !”

A aventura noturna com a bateria costeira veneziana tanto abalara o estado moral a bordo da VULCANO, que todo o seu empenho era por ver-se quanto antes livre do tenente dos balões. Varias vezes tentou êle avistar-se com o almirante, sem o conseguir. Por fim disséram-lhe que apresentasse por escrito o

que desejava. Então escreveu um pedido, para que fosse designado outro navio, “em que, baseado nos resultados que acabo de alcançar, eu posso energeticamente continuar o emprêgo dos balões”.

Entrementes haviam chegado ao conhecimento de UCHATIUS os resultados alcançados em VENEZA. Fôra formidável o susto causado aos venezianos pelos balões que surgiam sôbre suas cabeças e pelas bombas que os mesmos despejavam, causando danos. Toda gente fugia para dentro de casa quando aparecia um balão. Uma das bombas caíra em meio da Praça de S. MARCO e a violência da explosão derrubara várias pessoas. Boletins impressos relatavam os horrores do bombardeio aéreo. A nova arma, conquanto não causasse notavel dano material, causava tal pânico no seio da população, que isso sem dúvida veio a influir para a rendição da cidade. “Bombas que caíam do céu e que DEUS sabe quantas podiam suceder-se não são coisa vulgar; e causaram séria inquietação no seio da população, conforme relataram a navios austriacos dois comandantes de navios, um inglês e um grego, que puderam sair do porto durante o bombardeio”.

Mas o comandante da esquadra não mostrava compreensão por uma arma, cuja eficácia, dado o seu primitivo acabamento técnico, devia ser precipuamente de ordem psicológica. Nem seria razoavel exigir dum almirante de 1849 que compreendesse êsse novo fato de que o céu também pudesse ser campo de batalha. Concedido isso, como é natural ao almirante DAHLERUP, tambem se lhe revelará que não soubesse organizar sua operação diante de VENEZA, sôbre a base da cooperação entre seus navios e a nova “arma aérea”. Isso só teria sido realizado, conforme UCHATIUS o reconhece, se tivesse havido uma instancia superior: “O êrro reside principalmente em não ter havido ordem superior à marinha, de modo que eu tinha que agir apenas pessoalmente, sem amparo o que não podia calar no animo dum almirante”.

* * *

À primeira vista poder-se-ia considerar essa façanha realizada por UCHATIUS, o primeiro bombardeio aéreo registrado na história militar, como empresa que raia fortemente pelo ridículo. Si, porém, levarmos em consideração as enormes dificuldades e penas, os perigos, e, apesar de tudo, o bom êxito final, não podemos deixar de subscrever o julgamento verdadeiramente profético de um contemporâneo, manifestado em critica sôbre o ataque aéreo a VENEZA: "Seria precipitado concluir do malogro que seja errôneo o pensamento de bombardear por meio de balões cidades sitiadas. O problema parece solucionado, presuposto que se realize a condição fundamental de haver vento favorável. O vento tempestuoso que ali reinava prejudicou a empresa, e como a VULCANO fosse necessária para outra missão urgente não lhe foi possível perseverar naquela empresa. Que isso acontecesse tão logo e que não puzessem outro navio à disposição de UCHATIUS são provas de que pouco interesse pela causa havia por parte do comando da marinha".

* * *

O tenente-marechal-de-campo FRANCISCO VON UCHATIUS faleceu em VIENNA em 1882. Nos últimos tempos de sua existência, êle, que fôra o primeiro a percorrer de bicicleta as ruas espantadas da cidade danubiana, ocupava-se intensamente na construção duma viatura em tração animal, isto é, dum automovel, coisa de que então ninguém tinha idéia. Como fôrça propulsora encarava êle: ou uma forte substancia explosiva, talvez algodão-pólvora, ou ácido carbônico liquido, ou, finalmente, electricidade. O explosivo ou o liquido deveriam "em pequenas doses consecutivas, ser rapidamente gazeificados por explosão" e assim propelir a viatura — era o motor de explosão! Mas a morte veio arrancar dêsses planos o homem incansável que com êles mais uma vez se avantajava à frente de seu tempo.